

Editorial

A Revista Psicologia e Saúde vem a público apresentar o seu quinto número. Iniciada em dezembro de 2009, vem se esforçando para oferecer um espaço qualificado para a publicação de artigos produzidos na interface entre a Psicologia e a Saúde. Este número marca também o início de um processo de revisão sistemática de todos os procedimentos internos da PSSA, a fim de aprimorá-los e também tendo em vista sua próxima indexação.

Neste número, a Psicologia e a Saúde se fazem presentes como espaços de atravessamentos inter e trans-disciplinares, permitindo trazer à reflexão temas relevantes de diversas origens e matizes. Não obstante as distintas procedências temáticas dos textos aqui publicados é possível encontrar uma preocupação e uma ocupação de fundo, na forma de algo que poderia ser designado como uma ontologia mínima do cuidado. Salvo melhor juízo, é perceptível o fato de que o cuidado com a vida atravessa todas as produções que hoje trazemos a público.

A humanidade é uma espécie geracional e, pelas suas implicações, isto não pode ser facilmente esquecido. Até agora, uma geração tem dado origem e formado, tanto quanto pode, a geração seguinte. Cuidar, ainda que em teoria, desse complexo mecanismo que produz e da continuidade ao milagre da vida humana é um desafio permanente para a ciência.

Mas a vida não é só parto, é cuidado contínuo, porque a vida não é só um fato e também forma. O cuidado contínuo reclama por suporte, na medida em que dá forma ao conteúdo do viver. O cuidado não flutua nas nuvens etéreas de uma pura e irresponsável boa vontade. Quem cuida responde por quem cuida e quem responde também necessita de cuidado. Este enredo ético-estético cria uma rede barroca de suporte de cuidado. A rede de suporte ao cuidado afeta o bem estar e inevitavelmente constitui as possibilidades de vida, onde a vida já é, em si mesma, a maior de todas as possibilidades.

O cuidado da vida passa pelo cuidado do corpo já que um corpo cheio de vida se diferencia de um corpo vazio de morte. Sem perder de vista a importância da silueta estética do corpo, que em distintos momentos da história obedeceu a diferenciados padrões de formas e proporções, é necessário acenar para o fato de que trabalhar o corpo é também trabalhar tudo que está vinculado a ele. Desde o ponto de vista de uma ontologia mínima da constituição do ente humano é necessário ressaltar que todas as inscrições ou transcrições ontológico-identitárias são gravadas pela linguagem do fogo da vida nesta superfície sussurrante chamada corpo.

Se o corpo recebe inscrições, então, possui uma densidade impressionável, isto é, frágil. A fragilidade do corpo é também a fragilidade e a força de tudo o que nele é inscrito. Neste paradoxal jogo de forças não poucas vezes o corpo sofre os efeitos de uma das mais importantes e devastadoras inscrições nele feitas, a saber: os efeitos da liberdade, entendendo-a como queiram. Esta arraigada inscrição chamada liberdade pode chegar ao extremo de, por um lado, nos permitir viver como se não tivéssemos corpo e, por outro, como se tivéssemos somente corpo, isto é, se não tivéssemos inscrições e transcrições identitárias.

O cuidado também é a gestão ética da vida. Há quem reclame, apresentando suas razões, pela necessidade de critérios universais, ao menos tão universais como vida, para uma cuidadosa gestão ética da vida. O tema do cuidado ético da vida nos propõe a pergunta que interroga pela nossa capacidade pessoal e social de construir um mundo onde caibam

todos e onde a vida de todos seja possível. Tremendo desafio!

Esperamos e desejamos que as reflexões trazidas a público neste número da PSSA contribua para a discussão e o aprofundamento desta grande pergunta de fundo: é possível uma humanidade sem cuidado?

Márcio Luis Costa
Editor